



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE HUMANIDADES – CAMPUS III
LICENCIATURA PLENA EM LETRAS**

LINDINALVA DE SOUZA

**MENINO DE ENGENHO: A REPRESENTAÇÃO DA MEMÓRIA NO COTIDIANO
DA SOCIEDADE PATRIARCAL**

GUARABIRA – PB

2018

LINDINALVA DE SOUZA

**MENINO DE ENGENHO: A REPRESENTAÇÃO DA MEMÓRIA NO COTIDIANO
DA SOCIEDADE PATRIARCAL**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao
Curso de Graduação em Letras da Universidade
Estadual da Paraíba, em cumprimento à exigência
para a obtenção do Grau Licenciada em Letras.

Orientador (a): Prof.º Drº. Waldeci Ferreira Chagas

GUARABIRA – PB

2018

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

S719m Souza, Lindinalva de.
Menino de Engenho: [manuscrito] : a representação da memória no cotidiano da sociedade patriarcal / Lindinalva de Souza. - 2018.
19 p.
Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras Portugueses) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, 2018.
"Orientação : Prof. Dr. Waldeci Ferreira Chagas, Departamento de História - CH."
1. José Lins do Rego. 2. Menino de Engenho. 3. Memória.
21. ed. CDD 801.95

LINDINALVA DE SOUZA

**MENINO DE ENGENHO: A REPRESENTAÇÃO DA MEMÓRIA NO COTIDIANO
DA SOCIEDADE PATRIARCAL**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao
Curso de Graduação em Letras da Universidade
Estadual da Paraíba, em cumprimento à exigência
para a obtenção do Grau Licenciada em Letras.

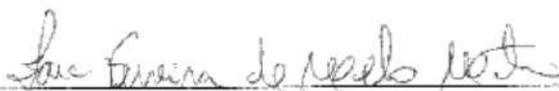
Artigo aprovado em 07/10/2012.

BANCA EXAMINADORA



Prof.º Dr.º Waldeci Ferreira Chagas – (UEPB/DH/CH)

Orientador (a)



Prof.ª Dr.ª Iara Ferreira Martins Melo – (UEPB/DL/CH)

Examinadora



Prof.ª Dr.ª Maria Neni de Freitas – (UEPB/DL/CH)

Examinadora

“A vida só pode ser compreendida olhando-se para trás; mas só pode ser vivida olhando-se para frente”.

Soren Kierkegaard

AGRADECIMENTO

Agradeço primeiramente a Deus, por ter me dado a força necessária para concluir o curso, a minha mãe Antonia Leonides de Souza, ao meu pai Severino Manoel de Souza (in memoriam), a meus irmãos, familiares, aos colegas do curso, professores e amigos que foram meu maior incentivo para chegar até aqui.

MENINO DE ENGENHO: A REPRESENTAÇÃO DA MEMÓRIA NO COTIDIANO DA SOCIEDADE PATRIARCAL

RESUMO

Este artigo tem por objetivo estabelecer o diálogo de forma interdisciplinar entre história e literatura na análise da obra "*Menino de Engenho*" de José Lins do Rego, escrita em 1932, e nela enfatizar a memória descrita na produção literária deste autor. O romance mencionado aborda aspectos culturais que fizeram parte do cotidiano do autor, e integra a fase denominada de o ciclo da cana-de-açúcar. Os teóricos que apoiam a discussão e análise da obra são JÚNIOR, (2010), SILVA (2014), CONSENTINO (2013) entre outros, a exemplo de LE GOFF visto a discussão fomentada por este historiador dialogar com a literatura.

Palavras-chave: José Lins do Rego. Menino de Engenho. Memória.

BOY OF ENGINE: THE REPRESENTATION OF THE MEMORY IN THE DAILY LIFE OF THE PATRIARCHAL SOCIETY

ABSTRACT

This article aims to establish an interdisciplinary dialogue between history and literature in the analysis of José Lins do Rego 's work "Boy of Engine", written in 1932, and emphasize the memory described in the author' s literary production. The novel mentioned addresses cultural aspects that were part of the daily life of the author, and integrates the so-called phase of the sugarcane cycle. The theorists who support the discussion and analysis of the work are JÚNIOR, (2010), SILVA (2014), CONSENTINO (2013) among others, like LE GOFF, seen the discussion promoted by this historian to dialogue with literature.

Keywords: José Lins do Rego. Ingenuity boy. Memory.

1 – INTRODUÇÃO

Este artigo foi produzido a partir da análise do livro "*Menino de Engenho*" escrito em 1932 por José Lins do Rego. Evidencia-se por tanto, o diálogo

interdisciplinar com as seguintes áreas do conhecimento: história e literatura. Por isso, no decorrer da discussão contemplamos aspectos sociais, políticos e históricos.

É importante ressaltar que a análise da obra mencionada está amparada com o que preconiza a LDB 9.394/96 e os PCNs de Língua Portuguesa quando abordam a interdisciplinaridade como perspectiva de promover o ensino de língua e literatura brasileira.

A sociedade brasileira marcada pelo hibridismo cultural nos faz entender que a narrativa do cotidiano na obra de José Lins do Rego evidenciado por meio da memória mostra como a historiografia brasileira está representada, o que demonstra um novo olhar acerca da história do Brasil.

Nesse sentido, história e memória possuem conceitos diferentes igualmente a isto o estudo da historiografia, mas o objetivo deste artigo não é discutir como a história é pensada ou construída pelos historiadores, mas estabelecer uma interface entre literatura e a memória de José Lins do Rego.

Quando afirmamos que história e memória andam sempre de mãos dadas também é preciso compreender que a história pode ser compreendida como uma análise crítica do passado ou em outras palavras posso dizer que é um estudo do presente a partir de um olhar a ser estudado no presente como objeto de estudo. Por isto é tão importante manter a distância entre a análise e o tempo que está sendo estudado para não fazer juízo de valor. Porque cada época possui suas próprias características e também os seus próprios conflitos.

Na obra "*Menino de Engenho*", de José Lins do Rego, destaque deste trabalho acadêmico, a memória é parte importante de construção da identidade. Embora não fosse intenção desse autor falar de fatos históricos em suas narrativas, ele se apropria de cenas da vida cotidiana para mostrar ao leitor conflitos de ordem social, política e também econômica; fatores que levaram os engenhos e as famílias patriarcais a decadência econômica no início do século XX. Nesse processo se destaca a expansão das usinas como uma nova forma de reconfiguração de poder econômico.

Estas características das quais podemos observar nas obras denominadas como sendo de o ciclo da cana-de-açúcar José Lins do Rego na narrativa descreve o cotidiano por meio da memória e coloca "*Menino de Engenho*" (1932), "*Doidinho*" (1933), "*Banguê*" (1934), "*Usina*" (1936) e "*Fogo Morto*" (1943).

Apesar de haver divergência entre alguns críticos literários quanto à divisão da obra de José Lins do Rego, é importante compreender que temos, em suas obras relatos da realidade com fortes argumentos e assim podemos contextualizar com o objetivo proposto neste artigo, que é o estudo da obra "*Menino de Engenho*" e discutir a importância da memória por meio da intertextualidade presente em sua produção literária. Assim, podemos trabalhar em sala de aula aspectos dessa obra, uma vez que ela possibilita o diálogo entre história e literatura. Isto nos faz compreender então que fazemos parte do processo de construção histórica, política e sociocultural.

Para a realização deste artigo, foram feitas as seguintes ações metodológicas: inicialmente, leituras da obra "*Menino de Engenho*" para coleta de dados; depois realizamos pesquisa em sites da internet, com consulta a artigos que discute tal obra, a exemplo de JÚNIOR (2010), SILVA (2014), CONSENTINO (2013), entre outros.

O referencial teórico escolhido para dialogar com o tema proposto são os pressupostos de Jacques Le Goff, porque esse autor discute de forma direta sobre a memória; método recorrente a José Lins do Rego, ao escrever os seus romances denominados de o ciclo da cana-de-açúcar. Evidenciamos na obra em análise o lugar social em que esse autor está inserido quando constrói as narrativas da vida cotidiana evidenciada por meio da memória.

Portanto, este artigo está dividido em 06 partes. A primeira parte refere-se a uma introdução sobre a memória que está presente na narrativa de José Lins do Rego, na segunda parte refere-se a José Lins do Rego: Uma breve biografia. Na terceira parte refere-se a José Lins do Rego e a crítica literária feita em relação a sua obra, a quarta parte refere-se a Um olhar reflexivo: José Lins do Rego e "*Menino de Engenho*" como objeto de estudo para este artigo acadêmico. A quinta parte refere-se ao conceito de "memória" estabelecendo um diálogo com o historiador Jacques Le Goff. A sexta parte refere-se às considerações finais onde faço algumas reflexões sobre a importância da obra *Menino de Engenho* de José Lins do Rego.

2 – JOSÉ LINS DO REGO E A SUA ÉPOCA

É impossível resumir a vida e a obra de José Lins do Rego em algumas palavras, mas é por meio dela que podemos compreender a importância de sua produção literária, porque ele é um “romancista da decadência dos senhores de engenho, sua obra baseia-se quase toda em memórias e eminências” [...] (JÚNIOR, 2010, p.20). E dessa forma ele expõe em seus romances o autoritarismo de um sistema político e econômico de origem patriarcal. Sendo assim:

José Lins do Rego nasceu no dia 3 de junho de 1901, na cidade de Pilar, na Paraíba. Filho de uma família patriarcal, seus pais foram João do Rego Cavalcanti Sobrinho e Amélia Lins Cavalcanti de Albuquerque. Com a morte da mãe, foi morar com o avô materno no Engenho Corredor. Em 1923 concluiu o curso de Direito, um ano depois casa-se com Filomena Massa Lins do Rego, com quem teve três filhas. Em 1932 publicou seu primeiro livro, *Menino de Engenho*. O livro recebeu críticas favoráveis e tornou-se grande sucesso, obtendo o Prêmio da Fundação Graça Aranha. José Lins escreveu doze romances: *Menino de Engenho* (1932), *Doidinho* (1933), *Banguê* (1934), *O moleque Ricardo* (1935), *Usina* (1936), *Pureza* (1937), *Pedra Bonita* (1938), *Riacho doce* (1939), *Água-mãe* (1941), *Fogo Morto* (1943), *Eurídice* (1947) e *Cangaceiros* (1953) (SILVA, 2014, p.12).

Essa produção literária relata a decadência de uma sociedade patriarcal onde os engenhos de cana-de-açúcar abriam espaços para as grandes usinas no nordeste brasileiro no final do século XIX ao início do século XX.

A partir do romance “*Menino de Engenho*” podemos afirmar que José Lins Rego passou toda a sua infância na zona rural em meio aos engenhos de cana-de-açúcar pois o engenho ainda existe até os dias de hoje, é chamado de Engenho Corredor, mas no romance assume o nome de engenho Santa Rosa.

Apesar de a obra ser uma adaptação da vida real para o universo de ficção os espaços entre os dois mundos se interligam por vezes misturando o que é real e o que é imaginação (SILVA Apud GUSMÃO). José Lins do Rego diz: “O Engenho Corredor foi a minha primeira fonte literária. Lembrando-me dele fui escritor, contando a sua história escrevi os meus romances, fiz viver criaturas [...]”. (FERNANDES Apud GUSMÃO, 2012, p.50). Então é por meio da memória que o escritor paraibano descreve cenas de seu cotidiano de forma espontânea e possibilita ao leitor compreender por meio de fragmentos narrados a vida cotidiana no engenho.

O engenho e o Nordeste açucareiro são os espaços utilizados por José Lins do Rego como matéria-prima para suas práxis literárias, usando a mesma temática, com a mesma “força expressiva”, como afirma Carpeaux (1943). No ciclo da cana-de-açúcar, o principal assunto é o processo de mudanças sociais ocorridas no período da Primeira República e que leva, segundo o romancista, a uma crise geral da sociedade açucareira nordestina. Em suas obras, José Lins do Rego conta seu passado, recorda toda sua infância, traz à tona toda a realidade da vida nos engenhos, utilizando da arte/realidade para compor suas histórias. A memória é usada pelo autor de maneira saudosista, já que, escrevendo seus romances, relembra dos momentos vividos em sua própria vida. Assinala Castello (1961, p.15): (Silva apud Castilho p.12 – 13)

No contexto narrado por José Lins do Rego a memória está presente e perpassa toda obra, não se trata de um passado fictício no qual as histórias narradas são inventadas, mas se trata de memória; razão porque ganha dimensão para além do que fora planejado, porque é uma narrativa real do cotidiano brasileiro.

Por ser uma narrativa real do cotidiano, a obra de José Lins do Rego em algumas vezes descreve sons e cheiros, os conflitos e as relações humanas. Tudo aparece solidificado no poder aquisitivo da família. Entre o poder representativo pode-se colocar a casa-grande como um arquétipo e símbolo de força o que demonstra a hierarquia social.

Portanto, se o autor escreve a partir do lugar social em que está inserida, relata suas experiências pessoais e revela isso de forma espontânea sem nenhum sentimento de complexidade ou inferioridade. Ele segue apenas o roteiro que a própria vida escreveu para que pudesse também falar da sua infância e da sua adolescência descrevendo em suas obras as memórias.

3 – JOSÉ LINS DO REGO E A CRÍTICA LITERÁRIA

José Lins do Rego é um dos mais importantes escritores regionalistas brasileiro, porque a sua obra retrata o nordeste do Brasil e descreve em sua narrativa como era a vida nos antigos engenhos. Os textos de José Lins do Rego nos faz refletir não só sobre a posse da terra onde existem os subordinados, mas também nos faz compreender os dramas dos conflitos familiares e também dos poderes institucionalizados (político, religioso e econômico) porque tem o sistema patriarcal como sendo o centro das relações que são estabelecidas com a

sociedade, pois o senhor de engenho era quem ditava as leis do local onde estava estabelecido o engenho.

No livro "*Menino de Engenho*" encontramos a representação do coronel quando ele diz que o senhor de engenho se valia da força e do poder para manipular toda uma região, através do trabalho escravizado e influência política. [...] (REGO, 2002, p.09) porque era uma relação na qual as pessoas mais humildes deveriam ter medo.

Então, essa relação de poder exercida pelo sistema patriarcal também nos faz enxergar este mundo rural como um lugar, em que os conflitos estavam prontos a eclodirem seus mais distintos segmentos da sociedade, e até a força da natureza também mostrava fortemente o seu furor, pois, no decorrer da sua narrativa ele descreve uma cena riquíssima em detalhes sobre as enchentes do rio Paraíba devastando tudo que encontrava pela frente, e ainda fala da colheita da cana-de-açúcar e do eito no campo para mostrar o quanto é importante termos o conhecimento de uma produção literária cuja característica é o regionalismo. Pois:

Quando refletimos sobre a obra *Menino de Engenho*, percebemos que José Lins do Rego demonstra em sua narrativa, a história não só da decadência dos antigos engenhos, mas também a decadência de uma elite aristocrática, temática que é discutida em outras obras de sua autoria, o que foi classificada por ele mesmo como sendo o ciclo-da-cana de açúcar (SOUZA, 2017, p.09).

Nesse sentido, José Lins do Rego faz uma crítica da realidade brasileira, em outras palavras podemos dizer que o autor fez uma literatura de protesto, porque foge totalmente da literatura tradicional e faz surgir um novo olhar sobre a literatura do regionalismo. Percebemos, pois que não era mais um romance preocupado pura e simplesmente com a natureza, e com a paisagem, ele coloca o ser humano neste cenário dando o seu próprio depoimento a partir do lugar social que ele vive, muitas das vezes marcadas por dores e cicatrizes.

O regionalismo na obra de José Lins do Rego não é apenas uma simples fotografia tirada do acaso, esse autor toca profundamente o sentimento humano, nos transporta para um universo onde podemos ampliar o nosso olhar em relação às transformações econômicas e sociais porque com o passar do tempo vai se modificando.

Por essa razão "*Menino de Engenho*" é considerada uma obra autobiográfica, sobretudo, das cenas da infância de José Lins do Rego, que ainda estava presente em sua memória. Segundo Silva (2014):

[...] depoimento do próprio autor, a sua intenção ao elaborar a obra era escrever a biografia do avô, o coronel José Paulino, a quem considerava uma figura das mais representativas da realidade patriarcal nordestina, além de descrever os problemas de sua região e de seu povo (SILVA, 2014, p.14).

Para compreender o processo de classificação da obra literária é importante saber que as obras de José Lins do Rego foram divididas em ciclos pelos críticos da literatura brasileira, porém nem todos os críticos literários concordam como modo como foi padronizada a produção literária de José Lins do Rego. Pois em nota ao quinto romance, intitulado de *"Usina"*, o próprio autor classifica sua obra como sendo o Ciclo da Cana-de-Açúcar, composto também por *"Menino de Engenho"*, *"Doidinho"*, *"Banguê"*, *"O Moleque Ricardo"*. E por esta razão até hoje se questiona porque *"Fogo Morto"* não está incluso neste ciclo.

Para tentar solucionar esta problemática Peregrino Júnior divide a produção literária de José Lins do Rego também em ciclos, mas de outra forma, no primeiro ciclo, o da Cana-de-Açúcar com os romances *"Menino de Engenho"*, *"Doidinho"*, *"Banguê"*, *"O Moleque Ricardo"*, *"Usina"* e *"Fogo Morto"*; no segundo Ciclo temos o Lirismo Erótico referente aos romances: *"Pureza"*, *"Água-Mãe"*, *"Riacho Doce"* e *"Eurídice"*; no terceiro Ciclo temos os Beatos e Cangaceiros insere-se assim *"Pedra Bonita"* e *"Cangaceiros"*.

Por outro lado, Castello (1961) divide as obras de José Lins do Rego em cinco ciclos. O Ciclo da Cana de Açúcar: *"Menino de Engenho"*, *"Doidinho"*, *"Banguê"*, *"Usina"* e *"Fogo Morto"*; o Ciclo do Cangaço, Misticismo e Seca: *"Pedra Bonita"* e *"Cangaceiros"*; o terceiro ciclo é o das obras independentes: *"O Moleque Ricardo"* e *"Pureza"*; no quarto ciclo temos a tentativa de fuga à paisagem nordestina: *"Riacho Doce"*, *"Água-Mãe"* e *"Eurídice"* e no quinto ciclo destaca o retorno à paisagem nordestina: *"Meus Verdes Anos"*.

Apesar das disparidades entre os críticos literários podemos compreender que as obras de José Lins do Rego não são simples produções literárias idealizadas por acaso. Pelo contrário à sua obra apresenta ao público o registro de um passado colonial que ainda existia apesar do declínio da sociedade patriarcal.

Portanto, apesar das críticas em relação à produção literária de José Lins do Rego, independente de qual critério se aplicaria melhor a divisão de sua obra em

ciclos, o importante é reconhecer a importância do conjunto de sua obra como forma de registro histórico, no qual a marca principal é o regionalismo brasileiro por meio de suas descrições colocando em evidência a memória.

4 - UM OLHAR REFLEXIVO: JOSÉ LINS DO REGO E O *MENINO DE ENGENHO*

“*Menino de Engenho*” foi publicado em 1932 e tem como característica marcante o regionalismo nordestino. O livro é narrado em primeira pessoa, porque o narrador é o protagonista Carlinhos, e assim a personagem vai narrar sua infância no engenho e em contexto com a decadência da cana-de-açúcar naquele período, então:

Qualquer tentativa de falar sobre a obra de José Lins do Rego implica antes numa reflexão sobre a produção literária da década de 1930. Não apenas porque o escritor pertence ao tal movimento ou escola literária, mas porque sua produção está vinculada a esse período histórico e as contradições que o acompanham.

O decênio de 1930 no Brasil foi um período de renovação artística e literária, iniciado com o movimento modernista, em 1922, sob a liderança de Mário de Andrade [...], pois José Lins do Rego é um autor voltado para a tradição regionalista do Nordeste e, ao mesmo tempo inovador na forma e na linguagem literária. Esse momento histórico também é marcado por profundas mudanças econômicas, políticas e sociais [...] (BRITO, 2008, pp. 19-20).

É preciso compreender que por meio da memória o autor do livro “*Menino de Engenho*” fala de sentimentos que marcaram profundamente a sua vida entre estes relatos apontamos, por exemplo, a cena da morte da sua mãe e a falta que ele sentia dela ainda quando criança, isto também perdurou até a fase adulta, pois ele cresceu sem ter ao seu lado os cuidados de seus pais.

A obra *Menino de Engenho* é uma narrativa de 40 capítulos, em que aos poucos o leitor vai conhecendo toda trajetória da vida do narrador/protagonista Carlos. No início da narrativa, Carlinhos possui quatro anos de idade e no término estará com doze. Carlinhos começa contando sobre a morte da mãe, do temperamento do pai e de como ficou órfão, motivo pelo qual foi morar com seu avô no engenho, mundo totalmente novo para ele. No engenho, conhece seus primos, suas tias, as primeiras letras, o amor e a sexualidade até ir estudar em um internato, aos doze anos, cena do último capítulo do livro, deixando de ser “menino de engenho, menino perdido”. José Lins do Rego foi além de suas expectativas neste romance, pois o que era de início uma biografia de seu avô, tornou-se uma representação de uma sociedade rural, latifundiária e escravocrata. O grande êxito de *Menino de Engenho* está em sua capacidade de ser verdadeira, uma vez que a obra nasce

diretamente da vida, onde o autor conta o que viu e viveu no sertão. (SILVA, 2014, p.16)

José Lins do Rego por meio do livro *“Menino de Engenho”* descortina diante dos nossos olhos um novo mundo que se abre onde não existe tempo e nem horas a serem marcadas, ele faz uma adaptação do roteiro original que a vida lhe predestinou transformando em ficção os seus momentos de alegrias e também de profunda tristeza. Uma obra que se tornou um clássico da literatura brasileira.

Quando falamos da importância da obra *“Menino de Engenho”* para a literatura brasileira é importante saber como leitura prévia que esta obra inicia o ciclo conhecido como sendo o ciclo da cana-de-açúcar, ele também inicia o ciclo da decadência de uma oligarquia muito poderosa. Logo em seguida podemos observar na obra *“Doidinho”* que o autor sai do espaço por ele definido como sendo engenho, para criar um romance proletário evidenciado por sua narrativa no romance o *“Moleque Ricardo”*.

No retorno ao mundo do engenho, o autor narra na obra *“Banguê”* suas agonias atingindo dessa forma o ápice da decadência na obra *“Usina”*, onde o engenho que antes era um símbolo de poder social passa a ser substituído pelas usinas, pois o capitalismo é o grande responsável pelas transformações das estruturas socioculturais reconfigurando uma nova forma de economia e também de como fazer política. Para fechar com grande maestria este ciclo, o autor escreve a obra *“Fogo Morto”* no qual ele fecha o ciclo de uma forma definitiva.

Quando paramos para refletir sobre o movimento literário no qual José Lins do Rego está inserido, por meio de suas origens, evidenciamos em todo este processo o regionalismo como marca de suas memórias. Um leitor mais atento ao analisar as narrativas do conjunto de sua obra vai perceber também que há relatos da formação brasileira, quer seja pelos hábitos que foram incorporados a casa-grande pela cultura afro ou pela forma de estrutura familiar que ainda preservava costumes de uma época.

Portanto, ser menino de engenho e viver com liberdade para desfrutar de tudo que está a sua volta “Zé Lins” o fez com grande maestria desde as travessuras de menino levado, com os famosos banhos de rios e aos andares a cavalo e ainda porque também não falar dos amores ilícitos sentimentos que diante da vida o preparava para suportar a perda de entes queridos. Assim ao mergulhar nas águas dos rios ele também bebia da fonte onde as crendices populares se faziam

presentes que seja por meio das lendas de lobisomem ou das histórias de cangaço contadas por Antônio Silvino ou pelas histórias da Velha Totonha.

5 – MEMÓRIA

Como prática social a produção da escrita assume um fator de grande relevância na produção literária porque ela demarca o lugar social de um escritor, porque suas ideias transporta o leitor de um mundo a outro em poucos minutos para vivenciar novas experiências através de uma representação de uma memória que pode ser individual ou coletiva.

A literatura é, pois, um sistema vivo de obras, agindo umas sobre as outras e sobre os leitores; e só vive na medida em que estes a vivem, decifrando-a, aceitando-a, deformando-a. A obra não é produto fixo, unívoco ante qualquer público; nem este é passivo, homogêneo, registrando uniformemente o seu efeito. São dois termos que atuam um sobre o outro, e aos quais se junta o autor, termo inicial desse processo de circulação literária, para configurar a realidade da literatura atuando no tempo. (IVAN apud CANDIDO, 2000, p.68).

É importante dizer que a literatura pode ser um instrumento a ser usada de uma forma interdisciplinar não só pelo professor de português, mas também pelo professor de história para buscar possíveis respostas aos questionamentos e dessa forma identificar um novo olhar sobre o cotidiano através de hábitos, mentalidades e modos de vida que se faz presente em uma determinada época. Então autores como José Lins do Rego, por exemplo, faz com que tenhamos um encontro com o passado e o presente.

Por meio do diálogo entre passado e presente a memória difere da história, porque a memória está associada a pluralidade enquanto a história tem um olhar mais distanciado dos acontecimentos. Segundo Le Goff (2012) a “memória como matéria prima da história” nos faz entender que somos fruto de um processo histórico do qual nos faz ser objeto de estudo sobre várias formas do olhar que deseja ser analisado.

Pensando nesta forma de compreender a memória como matéria-prima da história e fazendo dela o nosso objeto de estudo por meio da narrativa de José Lins do Rego, evidenciamos na obra já mencionada conceitos de representação da

memória. Isto é possível compreender quando o autor descreve o seu cotidiano não com histórias fictícias, mas fazendo uma narrativa de fatos reais que ocorreram durante a sua infância e também durante o início de sua adolescência.

É importante contextualizar neste momento o conceito do que é passado e o que é presente, pois a memória como forma de preservar o passado também pode ter um vínculo afetivo e por meio da narrativa deixar transparecer sentimentos que fizeram parte de uma época. Sendo assim, podemos identificar isto nas obras de José Lins do Rego quando ele fala do que vivenciou e desfrutou no antigo Engenho Corredor propriedade de sua família.

Apesar de haver conceitos diferentes entre história e memória é importante saber dialogar com ambas as disciplinas quer seja história ou literatura para saber que existe interesse em uma produção literária seja ela de interesse cultural, político, econômico ou até mesmo religioso. Isto também é possível identificar nas obras de José Lins do Rego em especial na obra "*Menino de Engenho*".

Segundo Moreira:

A Memória, no sentido primeiro da expressão, é a presença do passado. A memória é uma construção psíquica e intelectual que acarreta de fato uma representação seletiva do passado, que nunca é somente aquela do indivíduo, mas de um indivíduo inserido num contexto familiar, social, nacional (MOREIRA, 2006, p. 01).

Ainda nesse mesmo contexto segundo CONSENTINO ao dialogar com outros autores a exemplo de Armando Valladares afirma que:

[...] o presente é o horizonte da memória e Le Goff afirma que "a memória não busca salvar o passado além do que para servir o presente e o futuro" (1993, citado por Cuesta, 2008, p.50. Tradução nossa) de acordo com Paul Ricoeur, a representação do passado começa com a memória e não com a história (Cuesta, 2008), além disso, a história não está presa no passado, mas recorre em um ir e vir mais ou menos coerente ao passado, presente e futuro, (idem) (CONSENTINO, 2013, p. 19).

Então, a partir de sua memória José Lins do Rego usando de sua criatividade [...] transportou para a ficção pessoas comuns, seres humanos reais, com sentimentos resguardados por excesso de timidez ou extravagantes com os amores de seus personagens. [...] com uma linguagem clara e objetiva [...] (JÚNIOR, p.15) ele fala de hábitos e costumes da vida do campo.

No romance “*Menino de Engenho*”, o personagem Carlinhos [...] escreve uma espécie de crônica da existência diária no engenho Santa Rosa [...] a linguagem [...] é bastante coloquial com visíveis marcas de oralidade. [...] (JÚNIOR, 2010, p.23) e dessa forma bem espontânea de falar ele narra a sua própria história porque:

A memória faz parte de cada indivíduo, desde o nascimento do ser, permitindo uma construção de identidade e da criação de sentido à vida, já que é através dela que possuímos uma história de vida, uma história que nos pertence, algo único e individual. A memória coletiva surge de experiências e de histórias individuais, fornecendo a um grupo uma função social. (LE GOFF, 1990, p. 476):

Sendo assim, a memória pode ser compreendida como um elemento essencial podendo até classificar como identidade, quer seja individual ou coletiva. Nesse contexto, José Lins do Rego fala ao leitor por meio de suas memórias. Pois o personagem Carlinhos é o reflexo desse diálogo em suas obras, porque o autor fala incansavelmente de seus melhores momentos vividos interligados ao carinho de sua mãe, de seus avós, de seus tios, de seus primos e de seus amigos que também faziam parte de sua história de vida.

Em sua narrativa José Lins do Rego diz:

A minha mãe sempre me falava do engenho como um recanto do céu. E uma negra, que ela trouxera para criada, contava tantas histórias de lá, das moagens, dos banhos de rio, das frutas e dos brinquedos, que me acostumei a imaginar o engenho como qualquer coisa de um conto de fadas de um reino fabuloso (REGO, 2002, p. 38).

José Lins do Rego através de seus romances recria seu mundo rural que antes era apenas descrito pela sua mãe e pela sua babá quando ele ainda tinha aproximadamente quatro anos de idade acontecimento que marcou profundamente a sua vida para sempre.

Por meio da ironia o destino o levou a desfrutar com intensidade cada momento antes descrito e em decorrência disto o próprio José Lins do Rego descreve a casa-grande como uma casa enorme, “de muitas janelas, de muitas portas e quartos [...]. Aí está a banca de madeira onde o velho se sentava as tardes para receber os seus auxiliares” [...] (FERNANDES Apud GUSMÃO, 1990, p.53) ele

está se referindo ao feitor, ao mestre-do-açúcar, aos carapinas, e aos pastoreados do Engenho Corredor.

Ele ainda continua descrevendo o cotidiano da casa-grande afirmando que:

Na grande sala de jantar estendia-se uma mesa comprida, com muita gente sentada para refeição. O meu avô ficava do lado direito e a minha tia Maria na cabeceira. Tudo que era para comer estava à vista: cuscuz, milho cozido, angu, macaxeira, requeijão. Não era, porém, somente agente da família que ali se via. Outros homens, de aspectos humilde, ficavam na outra extremidade, comendo calados. Depois seriam eles os meus bons amigos. Eram os oficiais carpinas e pedreiros, que também se serviam com o senhor de engenho, nessa boa e humana camaradagem de repasto. (REGO, 2002, p. 41).

Apesar de José Lins do Rego está vinculado ao patriarcalismo rural, sua obra é baseada no cotidiano daquela sociedade, porque o seu avô era senhor de engenho. O autor revela ao leitor sérias injustiças sociais contra os mais oprimidos que estavam presos por um sistema opressor. Mas nem tudo são flores na estrutura social, pois em *Menino de Engenho* é revelada a crueldade: “o meu avô mandou botar um cara no tronco. E nós fomos vê-lo, estendido no chão, com o pé metido no furo do suplício. Raramente eu tinha visto gente no tronco” [...] (REGO, 2002, p.72) pois, o drama social chocara “Zé Lins”.

Portanto, é por meio de seus relatos que José Lins do Rego dá a sua contribuição como forma de registro do cotidiano de uma sociedade marcada por conflitos quer seja ela de ordem social, política ou econômica. Ele também registra cenas do cotidiano na qual a representação cultural ainda se faz muito forte por meio das práticas e hábitos.

6 - CONSIDERAÇÕES FINAIS

A obra de José Lins do Rego “*Menino de Engenho*” é uma produção literária voltada para o cotidiano da sociedade patriarcal na qual ele está inserido socialmente, e assim expõem particularidades de elementos que formam a identidade brasileira por meio da memória. É possível visualizar nesse romance tema que dizem respeito aos aspectos linguísticos evidenciados por meio do vocabulário da época e do contexto a que se refere a sua narrativa.

No decorrer da análise, podemos observar que o referido escritor, nos mostra a importância de compreender o cotidiano da sociedade brasileira nos mais diversos aspectos: sociais, históricos e socioeconômicos.

Partindo do princípio de que somos sujeitos históricos, é possível compreender que a memória descrita por José Lins do Rego por meio de sua narrativa em o romance "*Menino de Engenho*" mostra através da personagem Carlinhos, a representação de um garoto da sociedade brasileira escravocrata. Um garoto que ao ficar órfão aos quatro anos foi levado pelo seu tio, de nome Juca para morar com seu avô materno no engenho conhecido como Engenho Santa Rosa, localizado no estado da Paraíba.

É nesse cenário rural que a narrativa da história ganha o seu ápice, pois o personagem principal desfruta do cotidiano onde os costumes e tradições vividas por Carlinhos ganham uma dimensão muito além do que se possa imaginar, porque o engenho é apenas um cenário no qual o período pós-escravista ainda estava demarcado pela servidão do ser humano em submissão ao senhor patriarcal.

Ainda é importante ressaltar no diálogo por meio da interdisciplinaridade que a memória narrada por Carlinhos é de uma linguagem simples e direta sendo ela usada por José Lins do Rego para descrever as relações humanas que eram construídas no cotidiano, no qual evidenciamos seguintes temas: sexualidade das pessoas, as secas e as enchentes entre outros fatos que estão presentes no nordeste brasileiro.

Portanto, este artigo que analisou a obra "*Menino de Engenho*" por meio do olhar interdisciplinar pelo qual produzimos o conhecimento, para que o aluno, ou leitor de forma geral, possa sempre refletir e questionar sobre todas as coisas e fatos que estão a sua volta. Sendo assim, o nosso objetivo por meio deste artigo é estabelecer um diálogo entre história e literatura, e dessa forma enfatizar a importância da memória descrita no romance. Porque a memória faz parte do nosso cotidiano e fomenta as discussões, conforme afirma Le Goff quando diz que a memória de um indivíduo pode ser a representação de um lugar social.

REFERÊNCIAS

- BRITO, Antônio Cesar Nascimento de. **Menino de Engenho e a dialética de uma literatura que auto se questiona**. São Paulo: USP, 2008. Disponível em: http://www.abralic.org.br/eventos/cong2008/AnaisOnline/simposios/pdf/045/ANTONIO_BRITO. Acesso em: 15/11/2017.
- CONSENTINO, Milena Callegari. **A memória coletiva e a construção da identidade em famílias da sociedade israelita de Ribeirão Preto**. Ribeirão Preto: USP, 2013. Disponível em: www.teses.usp.br/teses/disponiveis/59/...24072013.../Dissertacao_Mestrado_Milena.pdf Acesso em: 20/11/2017.
- FERNANDES, Marcos Aurélio. **A Relação Cidade - Campo no Romance O Moleque Ricardo de José Lins do Rego**. 2012 - Disponível:http://www.geociencias.ufpb.br/posgrad/dissertacoes/marcos_aurelio.pdf. Acesso em: 15/10/2017.
- IVAN, Maria Eloísa de Souza. **O leitor e o texto: o diálogo possível**. 2005. Disponível em: <http://www.nucleus.feituverava.com.br/index.php/nucleus/article/viewFile/445/498> Acesso em: 20/11/2017.
- JÚNIOR, Wilson Santos Carneiro. **A Importância da Geografia na obra de José Lins do Rego**.2010. Disponível em:<http://dspace.bc.uepb.edu.br/jspui/bitstream/123456789/7866/1/PDF%20-%20Wilson%20dos%20Santos%20Carneiro%20J%3%BAnior.pdf> . Acesso em: 20/11/2017.
- LE GOFF, Jaques. **História e Memória**. Tradução de Bernardo Leitão 6ª ed.– Campinas SP: Editora da Unicamp. 2012.
- MOREIRA, Raimundo Nonato Pereira. **História e Memória: algumas observações**. 2006. Disponível em: <http://pablo.deassis.net.br/wp-content/uploads/Hist%3%B3ria-eMem%3%B3ria.pdf>. Acesso em: 20/11/2017.
- REGO, José Lins do. **Menino de Engenho**. Rio de Janeiro: José Olympio, 2002.
- SILVA, Lidiane Araújo da. **A memória em Menino de Engenho e Fogo Morto, de José Lins do Rego**. João Pessoa, 2014. Disponível em: <http://docplayer.com.br/24370398-A-memoria-em-menino-de-engenho-e-fogo-morto-de-jose-lins-do-rego.html>. Acesso em: 30/11/2017.

SOUZA, Maria de Fátima Martiniano de. **A representação do negro (a) e da cultura afro brasileira em menino de engenho.** 2017. Disponível em: <http://dspace.bc.uepb.edu.br/jspui/bitstream/123456789/15941/1/PDF%20%20Maria%20de%20F%3%A1tima%20Martiniano%20de%20Souza.pdf>. Acesso em: 15/04/2018.